

Caminhos labirínticos para pensar os objetos tecnoinformacionais

Juciano de Sousa Lacerda

Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ Curso de Comunicação Social do IELUSC

Resumo

O fio que levarei comigo nesse percurso desmesurado é a tentativa de compreender o que há de provocativo, epistemologicamente, em alguns aspectos do que venho desenvolvendo como objeto de pesquisa: os sentidos construídos no campo midiático e no mundo da vida (comunidades) sobre os usos e apropriações dos telecentros na cidade de Porto Alegre (RS). Esses aspectos envolvem a proposta de que no campo da comunicação, a compreensão das relações do sujeito com os objetos tecnoinformacionais, não se resume a uma ação do sujeito sobre o objeto (tekhné), ampliando-se a uma práxis em que a ação comunicacional põe em relação um sujeito com outro, cujas significações agenciadas, entre os sujeitos em interação, via processos tecnológicos de comunicação ganha dimensionamentos outros pela intervenção de lógicas específicas aos ambientes gerados pela mediação dessas tecnologias. Em suma, reduzir a abordagem de tecnologias, como os computadores conectados em rede dentro de um espaço de um telecentro, simplesmente como uma ferramenta, um instrumento de transmissão e armazenamento de dados de alta velocidade e fluidez é uma forma de conhecimento ainda limitada e limitante.

Introdução

O processo de construção do conhecimento e, agora, no de pensar-me enquanto vou tecendo o “fio de ariadne” nesse labirinto, está propenso a tomada de decisões e à possibilidade do arriscar-se. Mantenho-me aberto à escuta dos oráculos, numa tentativa de constituir em meus movimentos um “método de dispersão bem ordenada” (Bachelard, 2001).

E como primeira atitude de escuta, reclamo o direito proposto por Bachelard de desviar-me um instante da tradicional vontade de objetividade positiva do trabalho da ciência para “descobrir o que resta de subjetivo nos métodos mais severos”.¹ Parto da perspectiva de que um caminho para esse movimento é ter claro que o ideológico é uma dimensão presente em todos os discursos sociais, produzindo também o efeito de cientificidade que reconhecemos como “discurso científico” (Verón, 1996). Essa ação de *reconhecimento* se caracteriza também como um ato de produção de conhecimento, visto que o “consumo também é produção” e, mais ainda, “só no consumo o produto

¹ Gaston Bachelard, Pontos de partida, In: *A epistemologia*, Lisboa, Edições 70, 2001, p. 28.

[conhecimento válido] conhece sua realização última”.² Ou seja, a partir de Marx e da produção-reconhecimento feita por Verón sob sua teorização, podemos afirmar que o conhecimento é uma processualidade. E o que motiva essa atitude para *conhecer reconhecendo* acredito, é também uma capacidade de me assumir no espaço da dúvida, do *desconhecer* como postura epistemológica: “só sei que nada sei”.

O fio que levarei comigo nesse percurso desmesurado é a tentativa de compreender o que há de provocativo, epistemologicamente, em alguns aspectos do que venho desenvolvendo como objeto de pesquisa: *os sentidos construídos no campo midiático e no mundo da vida (comunidades) sobre os usos e apropriações dos telecentros na cidade de Porto Alegre (RS)*.³ Esses aspectos envolvem a proposta de que no campo da comunicação, a compreensão das relações do sujeito com os objetos tecnoinformacionais, não se resume a uma ação do sujeito sobre o objeto (*tekhne*), ampliando-se a uma *práxis* em que a ação comunicacional põe em relação um sujeito com outro, cujas significações agenciadas, entre os sujeitos em interação, via processos tecnológicos de comunicação ganha dimensionamentos outros pela intervenção de lógicas específicas aos ambientes gerados pela mediação dessas tecnologias. Em suma, reduzir a abordagem de tecnologias, como os computadores conectados em rede dentro de um espaço de um telecentro, simplesmente como uma ferramenta, um instrumento de transmissão e armazenamento de dados de alta velocidade e fluidez é uma forma de conhecimento ainda limitada e limitante.

Da análise fragmentada para um olhar complexo

No labirinto contemporâneo dos processos comunicacionais, cada vez mais nos encontramos em espaços intersticiais: lacunas, brechas, fissuras ocupadas por outras lógicas, híbridas. Hoje é possível observar que a abordagem objetiva e linear postulada nos modelos de matriz funcionalista fragmentou o processo de comunicação para

² Karl Marx, Parte III, In: *Contribuição para a crítica da economia política*, 5 ed., Lisboa, Estampa, 1977, p. 219.

³ Em linhas gerais, podemos dizer que os telecentros têm o objetivo de possibilitar que membros de comunidades carentes assistidas tenham acesso à tecnologia e sejam capacitados para o seu uso. O telecentro, na concepção do governo brasileiro, é uma biblioteca com computadores, impressoras com acesso a Internet.

motivos de análise. E, ao fazê-lo, não conseguiu retomá-lo ou reconstitui-lo numa visão mais orgânica, ou melhor, atenta à *complexidade*⁴ destes processos comunicacionais e midiáticos. Não se pode afirmar que pesquisadores como Lasswel (1948,1987) e Paul Lazarsfeld (1948, 1987) não tivessem consciência sobre a idéia de totalidade do processo comunicativo: seus escritos apontam para uma consciência de totalidade, o reducionismo se constituiu na ordem analítica do processo.⁵ Um dos limites do funcionalismo foi o estudo dos meios e suportes subdimensionados aos aspectos formais e funcionais e menos com os processos que deles decorrem. É muito mais plausível postular que tal pensamento correspondeu, na época, às condições históricas de produção do campo emergente da comunicação.

Dessa forma, é preciso re-situar as questões feitas às propostas teóricas antecessoras sobre o campo da comunicação, procurando abordar de “que modo as condições históricas gerais intervêm na produção e qual a relação desta com o movimento histórico em geral”.⁶ Marx postulou esta questão para discutir as relações e determinantes entre a *produção* e a *distribuição*. Ao definir que os movimentos de determinação de um pelo outro só podem pensadas historicamente, sincrônica e diacronicamente, podemos trazer as condições históricas para pensar as teorias antecessoras, seu processo de circulação na sociedade e a constituição de novas propostas teóricas, redimensionadas pela interação com a rede circulante do conhecimento produzido.⁷ E o pesquisador, como observador da realidade, também faz parte desse devir histórico e está sujeito às suas condições na produção de conhecimento sobre o comunicacional e o midiático, cuja matriz transita na inter-relação

⁴ Tomamos aqui o conceito de *complexidade* a partir de Edgar Morin (2001) como “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”. Ou seja, mais do que buscar uma ordem da comunicação e do midiático, tratando sectariamente cada fase/momento do processo, é preciso encará-lo em sua fenomenologia, enfrentando a confusão de articular processos de produção, circulação e consumo como interdependentes, interatuantes, atuantes e também sujeitos ao acaso e a determinações. Talvez, buscar e percorrer e traçar o(s) caminho(s) (e suas bifurcações) seja mais frutífero para a construção do campo da comunicação do que chegar num ponto final, cômodo.

⁵ A origem da crítica, muita vezes, talvez se concentre menos no modelo do que em seus interesses de pesquisa – a análise de conteúdo e dos efeitos - cujo foco era administrativo, tendo em vista cumprir com exigências de resultados do mercado midiático, em pleno desenvolvimento na época, e do governo.

⁶ Karl Marx, *op. cit.* 1977, p. 225.

⁷ Estas discussões a partir de Marx possibilitaram a Eliseo Verón (1996) desenvolver sua teorização sobre as “Fundaciones” do processo de produção do conhecimento e de paradigmas, para além da noção de ruptura ou continuidade.

(intertextualidade, interface e – por que não – no *interstício*) com estudos matemáticos, cibernéticos, sociológicos, psicológicos, cognitivos e antropológicos. Desta forma é possível conceber porque aspectos distintivos marcaram num primeiro momento o tratamento e a concepção da comunicação de massa, por exemplo, na América do Norte, na América Latina e na Europa. É preciso procurar pelos textos fundantes e, também, pelos elementos fora deles, extratextuais, seus contextos de produção.

Situando o (e situando-se no) cenário dos objetos tecnoinformacionais

Da ascendência dos meios de comunicação de massa, a partir da metade do século XX, um outro salto tecnológico fez convergir a informática ascendente e as telecomunicações. O que deu um novo fôlego ao capitalismo: cada vez mais ele se afasta do campo produtivo e ingressa no espaço fluido da especulação e da configuração do capital como própria energia. A essa reconfiguração histórica no âmbito econômico que fortaleceu uma relação de interdependência com outros sistemas (cultura, comunicação, política etc) Armand Mattelart denomina de paradigma tecnoinformacional e assevera que este *“tornou-se o pivô de um projeto geopolítico que tem como função garantir o rearranjo geoeconômico do planeta em torno dos valores da democracia de mercado e em um mundo unipolar”*.⁸ Na tentativa de manterem-se conectados ao mercado, muitos países tem adotado políticas de entrada na chamada sociedade da informação seguindo o modelo hegemônico de referência. Essa tendência tem fortalecido uma perspectiva unipolar marcada por uma globalização econômica unilateral, cuja perspectiva de rede não é multilinear ou descentrada (a não ser na articulação de novos mercados e exploração de mão-de-obra e matérias-primas), mas re-acentua fortemente a relação centro-periferia.

No modelo parsoniano da teoria dos sistemas, o sistema econômico é determinado pelas relações de concorrência e intercâmbio num mercado, que está em interação com os demais sistemas e com o meio ambiente (o modo produtivo) e cuja finalidade é regida por ações, dirigidas a um fim - ações télicas (Münch, 1999). Com a democracia de mercado e o rearranjo geoeconômico do planeta, o sistema capitalista se tornou um sistema fechado e auto-referente (Luhmann, 1997). O capital, que na visão

⁸ Armand Mattelart, *História da sociedade da informação*, São Paulo, Loyola, 2002, p. 139.

parsoniana era concebido como meio de intercâmbio, passa a ser o produto do próprio sistema.

Embora possamos fazer críticas à visão sistêmica desenvolvida por Luhmann, principalmente em relação ao “apagamento do sujeito”, é preciso lembrar que o conceito de sistema também é atravessado pelo o conceito de estrutura, que também retira o sujeito.⁹ O que a noção de sistemas possibilita é perceber o real em sua complexidade, tendo consciência de que para apreender o real é preciso fazer cortes. A própria comunicação midiática pode ser vista sob o ponto de vista sistêmico em seus processos tecno-operacionais, rotinas de produção e regulações, uma vez que cada lógicas complexas de funcionamento são desenvolvidas em seu interior e correspondem a racionalidades que operam como mediações de sociabilidade, de disputa simbólica, de conformidade e de re-ordenamento. “A comunicação sempre tem, na rede de conexão recursiva de suas próprias operações, outros precedentes – e outros eventos subseqüentes”¹⁰ e pode transpor limites territoriais. Tomemos como exemplo as redes informáticas que cobrem grande parte do mundo e interligam, principalmente, os grandes centros econômicos, que, por sua vez, possuem os grandes centros de armazenamento e distribuição de informação. Centros produtores de auto-referências sobre o próprio modelo de globalização centrado no econômico, que são difundidas e alimentam todo o sistema mundialmente. Por exemplo, nas discussões na Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (Genebra, novembro de 2003), os Estados Unidos não abriram mão de continuar a ter sob seu controle a governança da Internet, através da ICANN, organização que controla todo o processo mundial de nomes e registros de domínios da rede.

A partir de Pierre Bourdieu (2003), podemos pensar o modo como parte das construções teóricas sobre as tecnologias da informação e da comunicação acabaram por assumir o conceito de sociedade da informação ou de sociedade global da informação – termos criados e defendido pelo grupo dos sete países mais ricos do globo,

⁹ A perspectiva de Luhmann não atribui ao sujeito uma autonomia comunicativa individual, visto que se tivesse que assumir a subjetividade em seu modelo sistêmico, teria que conceber o sujeito individual como um sistema próprio, o que tornaria quase impossível o estabelecimento de *acoplamentos*, ou seja, comunicações entre esses sistemas.

¹⁰ Niklas Luhmann, *A nova teoria dos sistemas*, Porto Alegre, URFGS, 1997, p. 85.

o G7¹¹ (hoje mais a Rússia). Esse projeto geopolítico de interconexão de mercados globais, num sistema econômico auto-referente, independente dos sistemas políticos nacionais, e interconectado pelas redes informáticas tem sofrido um recorrente processo de *alquimia simbólica* sob o *eufemismo* de sociedade da informação. A essa operação Pierre Bourdieu denomina “transfiguração das relações de dominação e exploração”.¹²

A transfiguração simbólica das relações econômicas faz com que os países em relação de desigualdade com o poder hegemônico assumam a entrada na sociedade da informação como algo inevitável, portanto estrutural, e necessário, para o fortalecimento do desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, social. Mas, principalmente, a relação desigual é *reconhecida* como “parceria”, “responsabilidade entre nações”, “compromisso planetário”, como “dívida da humanidade”. Nesse processo, regras dominantes são apresentadas como as regras do jogo: estabelecer controle da informação, aceitar e reconhecer patentes, defesa do mercado de software e outras tecnologias da informação.

Os limites das estruturas informacionais

O caminho para pensar os objetos tecnoinformacionais nos conduz a justamente tentar sair do paradigma tecnoinformacional acima citado por Mattelart. Parece um contra-senso querer investigar tal objeto fora de seu *habitus*. Esse paradigma também impregnou o pensamento científico na América Latina que para manter sua *cientificidade* teria que fugir do ideológico e do político, marcado pela articulação entre a proposição de Lasswell, a semiótica-estruturalista e a teoria crítica, e se assumir seriamente como “ciência”. Jesus Martín-Barbero desconstrói esse movimento ao situar que a transição se deu justamente na reconstrução do modelo informacional com um viés funcionalista, denominando-o de curto-circuito da comunicação. Ele analisa a passagem de um paradigma para outro. Primeiro, uma concepção instrumental dos meios de comunicação que reconstituía os processos de dominação e suas marcas, mas

¹¹ O então Grupo dos Sete (G7), Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e Japão, constituíram um acordo para desenvolvimento de uma Infraestrutura Global de Informação (GII) como base para uma proposta comum de Global Information Society (GIS).

¹² Pierre Bourdieu, A economia das trocas simbólicas, In: *As razões práticas*, Papirus, 2003, p. 167.

não abria espaço para os processos de comunicação e os conflitos no campo dos dominados. E o fechamento do curto-circuito se dá na passagem desse modelo de concepção instrumental dos meios, para um modelo de teorização da racionalidade informacional, que define a realidade conflitiva como um problema técnico, que foge da ordem informacional. Ou seja: “a centralidade dos processos de comunicação em nossa sociedade *significa*, para a racionalidade informática, a dissolução da realidade do político”.¹³ Ao fazer a crítica à racionalidade informática que se impõe, Martín-Barbero se contrapõe ao deslocamento do sujeito, “conduz a uma subjetividade romântica que desafia uma concepção instrumentalista da política”.¹⁴

Martín-Barbero em sua proposição teórica do deslocamento da centralidade dos meios para o lugar das mediações,¹⁵ articula a possibilidade de uma arte combinatória de usos táticos que se abre espaço para a inventividade, a criatividade na reconfiguração simbólica e produtiva sobre as tecnologias da comunicação pela maioria marginalizada. A racionalidade tecnológica dos formatos industriais entrecruza-se com a mediação das *matrizes culturais*, dando possibilidade de criação de formas de expressão e geração de sentidos.¹⁶ Esses movimentos de significações marcadas pelos usos e apropriações das tecnologias tecnoinformacionais apresentam-se como possibilidade de uma rediscussão das contribuições de Martín-Barbero, no campo das mediações, evidenciando o papel significativo das tecnologias, mas sem cair num reducionismo ou deslumbramento. O próprio autor já vem realizando esse caminho ao estabelecer a *tecnicidade* como uma dimensão constitutiva do processo de produção de sentido.¹⁷

De maneira geral, como movimento inicialmente tático, mas que vem se constituindo como estratégia comunicacional e política, vemos crescer a discussão sobre o uso de softwares livres e sua aplicação nos países em desenvolvimento. Países periféricos têm buscado associações criativas e solidárias entre si para encontrar outras formas de entrar e de confrontar o paradigma tecnoinformacional ascendente. Ao

¹³ Jesús Martín-Barbero, *De los medios a las mediaciones*, México, Gustavo Gilli, 1987, p.224.

¹⁴ H. Herlinghaus, La modernidad ha comenzado a hablarnos desde donde jamás lo esperábamos. In: Toscaza. M.C.L. e Reguillo, R. (orgs.) *Mapas nocturnos*, Espanha, Siglo Del Hombre, 1998, pp. 20-21.

¹⁵ Jesús Martín-Barbero, *op. Cit*, 1987, p.203.

¹⁶ Jesús Martín-Barbero, Pistas para entre-ver meios e mediações. In: *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*, 2ª ed., Rio de Janeiro, UFRJ, 2001, p. 17.

¹⁷ Jesús Martín-Barbero e German Rey, *Os exercícios do ver*, São Paulo, Ed. Senac, 2001, p. 9-13.

mesmo tempo, é importante articular o contexto contemporâneo e as palavras chaves que podem nos dar uma representação do que nossas pesquisas acabam incorporando sem reflexão, para além da armadilha sobre o termo sociedade da informação, que já mencionei antes. É o caso do termo “transnacionalização”, que remete à noção de sociedade da informação, podemos dizer como gerador desta última. A questão *transnacional*, segundo Martín-Barbero, representa a nova fase do desenvolvimento do capitalismo, na qual o campo da comunicação é parte decisiva. Configura-se não mais como a imposição de um modelo econômico, mas um salto para a internacionalização de um modelo político difuso, inter-relacionado e interpenetrado, ou seja, complexo, que coloca a idéia de Nação – logo os países que tentam se contrapor e se defender linearmente com um discurso nacionalista – em um foco de contradições e conflitos inéditos. “E como a transnacionalização joga primordialmente no campo das tecnologias de comunicação – satélites, telemática – é fato que seja no campo da comunicação o lugar onde a questão nacional encontra agora seu ponto de fusão”.¹⁸ A discussão da transnacionalização se torna pertinente e necessária na proposta de produção de conhecimento sobre objetos de estudo tecnoinformacionais e nos demais processos midiáticos em dois pontos. Primeiro, nas micro-relações sob o aspecto dos próprios objetos técnicos e suas formas de produção, circulação e reconhecimento, que estão atravessados pelas tecnologias digitais de transmissão e recuperação de dados, aliados a poderosas interfaces gráficas de representação. Segundo, do ponto de vista macro do contexto social, político e econômico: a própria criação de grandes oligopólios comunicacionais de amplitude mundial com a fusão entre grandes redes de televisão e rádio com empresas de cinema, música e internet, a exemplo da AOL-Time-Warner Co, tendo como uma de suas repercussões a não distinção, ou a fusão, entre informação e entretenimento.

A tecnoesfera: ambiências e midiatização

Nesse contexto, os telecentros podem representar uma intersecção, um lugar de disputa, de tensão e luta entre modelos/paradigmas de implantação de tecnologias digitais e redes nos campos político e econômico e as formas de uso materiais e

¹⁸ Jesús Martín-Barbero, *op. cit.*, 1987, p. 224-225.

cotidianas no campo social. O que nos coloca a necessidade de compreender os sentidos produzidos sobre os telecentros no campo midiático, lugar de visibilidade e agenciamento dos discursos econômicos e sociopolíticos, e as significações construídas no campo social pelas comunidades que são o alvo e a justificativa desses projetos de inclusão digital. Mais do que isso, arriscaríamos dizer que é na esfera dos usos desses telecentros que eles podem ser pensados como objetos tecnocomunicacionais, fazendo parte de uma *tecnoesfera*¹⁹ informacional, constituída na interação entre homens e objetos cada vez mais carregados de informação.

Essa tecnoesfera, segundo Milton Santos, é construída artificialmente pelo homem e composta por objetos cada vez mais modernos, com uma enorme carga de informação.²⁰ Muniz Sodré defende que esses objetos não são mais somente dispositivos técnicos de comunicação socialmente produzidos pelo mercado capitalista, mas estão acoplados a um *fluxo comunicacional*, uma canalização extendida que pode transformar o código produtivo em “ambiência” existencial.²¹ Neste ponto, a coisa parece ficar fácil em relação ao que postulamos sobre os objetos tecnoinformacionais sobre se constituírem numa forma de racionalidade produtora de sentido, pois Sodré vai afirmar que o seu conceito de *medium* é aplicado à Internet, enquanto o computador é somente um suporte técnico. Mesmo assim, o autor somente parece transferir para a Internet aquilo que ele já defendia (assim como outros autores), o *medium* televisivo não é o aparelho de televisão. Mas trata-se de um aspecto interessante, quando pretendemos nos centrar nos processos midiáticos, visto que muitas pesquisas de cunho mais antropológico desenvolveram inferências sobre a localização do aparelho de tv em casa e as relações de poder e significações que isso implicava. Contudo, creio que essa fase já está ultrapassada em busca de elementos mais específicos sobre essa esfera tecno-simbólica em que os sujeitos se envolvem, sentem-se protegidos e passam a ver-se e a se relacionar com o mundo e com o outro. Vejamos, por exemplo, as câmeras

¹⁹ A concepção de Milton Santos do *espaço como interação entre sistema de objetos e sistema de ações* demonstra a importância que ganha a informação. Cada vez mais os objetos naturais vão sendo transformados e substituídos por objetos fabricados, “*objetos técnicos, e mais recentemente objetos mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina*”. Milton Santos, *Técnica, espaço, tempo*, São Paulo, Hucitec, 1994, p. 111.

²⁰ Milton Santos, *op. cit.*, São Paulo, Hucitec, 1994, p. 101.

²¹ Muniz Sodré, O ethos midiaticizado, In: *Antropológica do espelho*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 20.

digitais espalhadas dentro dos lares, dando acesso a imagens de si e do ambiente, da moradia, dos modos de fazer e de viver para o mundo, ao mesmo tempo em que se tem contato com outros sujeitos interconectados. Os edifícios residenciais, escritórios, repartições públicas e espaços públicos cada vez mais televigiados por mini-câmeras digitais.

Na contemporaneidade, as próteses midiáticas passam a participar cada vez mais da produção de sentidos nos processos de configuração do ambiente, da moradia, dos modos de fazer e de viver, de conviver e de representar a realidade. Podemos dizer que os objetos tecnoinformacionais se constituem como novos lugares de significação, de racionalidade dos processos sociais, em suma, como diz Martín-Barbero, dimensão constitutiva da produção de sentido. Nesse sentido, o conceito de *mediatização*²², desenvolvido por Muniz Sodré se aproxima da visão de Martín-Barbero em torno da *tecnicidade* como *mediação*, embora seja preciso deixar claro que a definição de mediação de Sodré seja distinta da proposta por Martín-Barbero. Para Sodré, mediatização

é a tendência à ‘virtualização’ ou a telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação.²³

Em outras palavras,

A mediatização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de “tecnointeração” – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. [grifo do autor]²⁴

A visão de *medium* de Sodré, em que fundamenta sua noção de mediatização, não cai numa linha reducionista binária de negação ou deslumbramento, mas entra numa terceira via ao defini-lo como um dispositivo cultural emergente, para além das ideologias tecnicistas que deixam ver os dispositivos midiáticos somente por seu

²² Esse conceito já vinha sendo desenvolvido por Maria Cristina Matta, como uma reconfiguração da cultura midiática em uma nova racionalidade produtora de sentido, por Eliséo Verón, como processo complexo contemporâneo das lógicas que operam nas relações de produção de sentido afetadas pelas lógicas dos meios e produtos da mídia de massa, regidos por processos de mercado e venda de bens simbólicos.

²³ Muniz Sodré, *op. cit.*, 2002, p. 21.

²⁴ Muniz Sodré, *op. cit.*, 2002, p. 21.

aspecto técnico, sem transparecer sua “dimensão societal” comprometida com uma forma específica de hegemonia, que o auto contextualiza como

o momento em que o processo de comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela informação, isto é, por um regime posto quase que exclusivamente a serviço da lei estrutural do valor, o *capital*, e que constitui propriamente uma nova *tecnologia societal* (e não uma neutra ‘tecnologia da inteligência’) empenhada num outro tipo de hegemonia ético-política. [grifo do autor]²⁵

A visão da interação entre sujeitos em relação e os objetos tecnoinformacionais como “ambiência” é válida, pois amplia os processos midiáticos que ficavam restritos aos processos de produção, circulação e reconhecimento numa perspectiva que, por mais que se quisesse, era difícil conceber a processualidade como um ecossistema, uma “atmosfera comunicativa”, na medida em que nossas pesquisas buscavam fazer relações entre produção e consumo, focando metodologicamente a produção, depois focando metodologicamente a recepção e, por fim, tentando alguma estratégia de método para cruzar as informações, como um terceiro, resultando num tipo de análise e considerações finais que poderíamos denominar de resultado “frankstein”. Seus exemplos limitam-se a caracterizar as transformações operadas na passagem das relações textuais para as representações gráficas na tela do computador, mobilizadas pela rapidez da informação no espaço virtual, que segundo ele, “operam midiaticamente o redimensionamento da relação espaço-temporal clássica”.²⁶ Contudo, podemos relacionar a noção de ambiência a uma tentativa de restauração do processo comunicacional a partir dos dispositivos midiáticos. O desafio é pensar metodologias que dêem conta de problematizar, reconhecer e interpretar essas ambiências, não fragmentando a inter-relações e atravessamentos entre produção, circulação e reconhecimento. Estes elementos são válidos tanto para a discussão dos novos objetos tecnoinformacionais como para as mídias tradicionais, que cada vez mais estão se reconfigurando e constituindo relações de interdependência pela matriz da digitalização da informação.

²⁵ Muniz Sodré, *op. cit.*, 2002, p. 22.

²⁶ Muniz Sodré, *op. cit.*, 2002, p. 20.

Ainda no labirinto: sem saídas, mas com percursos

Os telecentros, como objetos tecnoinformacionais, representam esse contexto de transnacionalização, de porta para outras significações em ambiências que são marcadas por tensionamentos de dentro e de fora, numa amplitude micro (do local, da comunidade) e macro nos embates internacionais, projetos políticos e econômicos, que são iluminados, obscurecidos, representados, prescritos pelo modo de fazer e atuar midiático. Vemos que cada “pormenor”, visto como proposições teóricas, reflexos da realidade empírica, elementos do contexto sociocultural, expressões variadas e variantes dos fenômenos, desafiam-nos a uma postura dedicada aos aspectos das micro-interações, mas abertos a desenvolver possibilidades de relações e contextualizações macrossociais.

E diante desse labirinto em que tentei ouvir e discutir com certos oráculos que eram convidados a se manifestar no percurso, encontro-me numa situação em que creio ser mais importante o caminho, do que aonde quero chegar, já que, sinceramente, ainda não sei. E pior, não tenho certeza se chegarei. Tenho agora a mesma impressão de Bachelard ao falar sobre a representação do objeto por metáforas e a formulação de hipóteses.

“Por outras palavras, o que parece hipotético agora é o nosso fenômeno; porque a nossa captação imediata do real não atua senão como um dado confuso, provisório, convencional e esta captação fenomenológica exige inventário e classificação”.²⁷

Cabe na continuidade do exercício epistemológico desenvolver um exercício contínuo, reflexivo, vinculado a uma crítica metodológica, teórica e estrutural da construção do conhecimento que se postula em relação aos objetos tecnoinformacionais.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. Pontos de partida: In: _____. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001, p.15-29.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. In: _____. *As razões práticas*. Papirus, 2003, p. 157-197.

CAREGNATO, Sônia Elisa et al. *Informação e comunicação para a cidadania: qualificando monitores para telecentros comunitários*. II Ciberética, Florianópolis, 12 a 14 novembro 2003. 17pp.

FRAGOSO, Suely D. *Múltiplas faces da exclusão digital*, mimeo., 2003, s.p.

²⁷ Gaston Bachelard, *op. cit.*, 2001, p. 17.

HERLINGHAUS, H. La modernidad ha comenzado a hablarnos desde donde jamás lo esperábamos. In: TOSCAZA, M.C.L. e REGUILLO, R. (orgs.) *Mapas nocturnos*. Espanha, Siglo Del Hombre: 1998, pp. 12-46.

LASSWELL, Harold D. (1948). A estrutura e a função da comunicação na sociedade. in: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. 5ª ed., São Paulo: Edusp, 1987, pp. 105-117.

LAZARSFELD, Paul F. e **MERTON**, Robert K. (1948). Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. 5ª ed., São Paulo: Edusp, 1987, pp.230-253.

LUHMANN, Niklas. *A nova teoria dos sistemas*. Porto Alegre: UFRGS, 1997, p. 7-111.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. México: Gustavo Gilli, 1987. pp.203 a 259.

_____. Pistas para entre-ver meios e mediações. In: _____. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MARX, Karl. Parte III. In: _____. *Contribuição para a crítica da economia política*. 5 ed. Lisboa: Estampa, 1977, pp. 228-237.

MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Bases para o Brasil na Sociedade da Informação: conceitos, fundamentos e universo político da indústria e serviços de conteúdo*. São Paulo: Instituto Uniemp, 1998.

MORIN, Edgar. A inteligência cega e epistemologia da complexidade. In: _____. *Introdução ao pensamento complexo*. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p.13-23 e 137-174.

MÜNCH, R. A teoria parsoniana hoje: a busca por uma nova síntese. In: GIDDENS, ^a e TURNER, J. (orgs.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1999, p. 175-228.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiaticizado. In: _____. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 11-83.

VERÓN, Eliseo. Fundaciones. In: _____. *La semiosis social*. Barcelona: Gedisa, 1996, pp-13-86.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São. Paulo: Estação Liberdade, 1999.